



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de apresentação dos novos investimentos da empresa
Tecumseh do Brasil**

São Carlos-SP, 31 de março de 2005

Eu não vou ler a minha nominata, aqui, com os nomes das autoridades. Vou apenas fazer justiça, porque nós participamos de um ato, agora, do começo de uma obra de um hospital-escola, em São Carlos, e eu falei o nome de todos os deputados e não falei o nome do deputado João Herrmann. Isso é porque ele está sem gravata, então, eu resolvi puni-lo.

Eu quero dizer aos diretores da Tecumseh que vocês certamente já conhecem a qualidade do trabalhador brasileiro, a criatividade do trabalhador brasileiro, a qualidade do serviço prestado por estes trabalhadores, e eu não tenho dúvida nenhuma que com essa qualidade nós continuaremos vendo esta empresa ganhar espaço no mercado internacional.

E o governo tenta cumprir com a sua parte. Este mês nós tivemos o gostoso prazer de tomar um champanhe junto com os exportadores brasileiros, porque ultrapassamos 101 bilhões de dólares de exportação, o que é um recorde, uma marca fantástica, porque o Brasil, na década de 70, tinha uma participação de 1,2 do comércio mundial. A China não existia ainda. O Brasil, depois, chegou a ter 0,70, ou seja, o Brasil caiu quase que 50% na sua política de comércio exterior. E nesses dois anos de governo nós já estamos a 1,12%, ou seja, estamos chegando perto do melhor momento do Brasil, hoje, com a China tomando conta de uma grande parte do comércio mundial.

Estamos fazendo isso e é importante que os trabalhadores e a empresa compreendam, tentando quebrar uma coisa que habitualmente acontecia no



Brasil. Vocês sabem que até a década de 80, muitas vezes, o governo decidia exportar e tudo era para exportar, e esquecia o mercado interno. Outra vez, o governo optava por fortalecer o mercado interno e esquecia as exportações. Então, muitas vezes, uma empresa se preparava para exportar e daqui a pouco o governo diminuía o peso das exportações. Daqui a pouco ele se preparava para o mercado interno, o governo aumentava as exportações. Então, o empresário ficava sem saber, concretamente, o ritmo dos investimentos que ele tinha que fazer no Brasil.

Nós decidimos que não é incompatível você exportar e crescer internamente. Por isso vocês sabem que, no ano passado, nós tivemos um saldo muito bom, eu não diria ótimo, mas muito bom, quando nós tivemos um crescimento do nosso Produto Interno Bruto de 5,2%, o maior dos últimos dez anos.

A indústria de São Paulo teve um crescimento maior do que os últimos 18 anos. E o Brasil inteiro continua crescendo. Os dados publicados pelo IBGE, hoje, mostram inclusive um crescimento de 3,7% na renda *per capita* do nosso povo brasileiro, numa demonstração de que nós estamos encontrando o ponto de equilíbrio para um crescimento sustentável, que não seja aquele crescimento, como vocês já tiveram e eu já tive na vida, quando do Plano Cruzado, em 86, e todo mundo achou que o Brasil tinha chegado no paraíso e seis meses depois acabou o Plano. Como o Plano Real, quando muita gente achou que estavam resolvidos todos os problemas do nosso país. Teve gente que foi dormir um dia tendo uma dívida de 1 real e acordou devendo 4 reais, sem saber por que isso aconteceu.

Nós entendemos que se a gente trabalhar com seriedade, se a gente não inventar nenhuma medida, mas se a gente trabalhar com instrumentos que a sociedade possa compreender a sua seriedade, a gente pode ter um crescimento sustentável por 10, 15 ou 20 anos. E a gente pode, de uma vez por todas, consolidar o Brasil como um grande país industrial. A gente pode



consolidar o Brasil como um país altamente competitivo neste mundo globalizado, com blocos muito fortes, como o bloco europeu, os americanos ou os próprios chineses.

O Brasil não deve nada a ninguém, o grande problema nosso é que nós nascemos e morremos sempre achando que os outros são melhores do que nós. Nós nascemos e crescemos, achando: “eles são melhores do que nós, eles podem mais do que nós”. Nós é que temos que acreditar em nós mesmos.

Nós é que precisamos saber a força que nós temos, do que somos capazes e o papel do Estado é o de criar facilidades, criar mecanismos para que as empresas se motivem mais a fazer investimentos aqui, porque o que conta, na verdade, é a gente garantir que as pessoas tenham possibilidade de trabalho, porque quando um homem e uma mulher têm trabalho, tudo fica mais fácil, basta não ficar doente que as coisas vão indo de vento em popa.

E por que nós estamos fazendo isso? Porque eu aprendi na minha vida, que a gente só aprende a gostar dos pais da gente de verdade, a gente só reconhece o sacrifício deles, quando a gente casa e tem filhos, porque até então a gente não dá valor ao que os nossos pais fizeram por nós, a gente sempre acha que era obrigação deles: “me pôs no mundo, tem que cuidar”. Mas quando a gente tem filho, a gente tem que levantar 2 horas da manhã, a criança com bronquite, tem que levar para tomar inalação, ou quando dá dor de barriga 1 hora da manhã e você tem que correr, se tiver carro ainda bem, se não, vai ter que chamar um táxi ou vai ter que ir a pé debaixo de chuva. Quando a gente começa a passar por isso, a gente começa a dar valor às coisas que a gente tem e às coisas que a gente pode construir.

Eu digo sempre o seguinte: a gente só aprende a ser filho quando a gente vira pai e a gente só aprende a ser pai quando a gente vira avô, porque quando a gente vira avô a gente cuida dos netos com muito mais carinho do que a gente cuidou dos filhos da gente. Você não vê avô gritar com neto, aliás, os pais sempre falam: “eu educo o meu filho a semana inteira e o meu pai e a



minha mãe vêm aqui no final de semana e deseduca ele”. Então, essas lições que eu trouxe da minha casa, do meu berço, de uma mãe analfabeta é que eu tento passar como atos de governança no país.

Por exemplo: hoje, sabe a Direção da empresa, e vocês devem acompanhar pela imprensa, eu fui um dirigente sindical muito importante no Brasil, sem falsa modéstia, eu fui muito importante na década de 70 e fui para a Europa 500 vezes, eu era convidado para os Estados Unidos, para o Japão, para tudo quanto é país desenvolvido. Eu nunca tinha ido à Argentina, nunca tinha ido ao Uruguai, nunca tinha ido ao Paraguai, nunca tinha ido à Bolívia. Nenhum país da América do Sul e eles também não vinham para cá, porque nós éramos subordinados aos países que economicamente eram mais fortes, que tinham empresas multinacionais no Brasil, que nos convidavam. Nós não nos dávamos importância, embora a gente estivesse tão juntos, embora a gente estivesse tão próximos, o Brasil faz fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile.

A primeira atitude que nós tomamos, e eu penso que a empresa deve estar ganhando com isso, foi estreitar as relações no nosso Continente, na América do Sul. Estreitar relações com todos os países e o Brasil financiar exportações, criando condições de infra-estrutura naqueles países, porque eles são consumidores dos produtos brasileiros. Eu não sei como é que a gente vai num país e encontra carro japonês, quando o Brasil está ali na fronteira. Agora, se não tiver estrada, se não tiver ponte, se não tiver energia, se não tiver telecomunicação, não tem negociação.

Veja uma coisa, a primeira ponte entre Brasil e Bolívia, fomos nós que construímos agora, com 500 anos que existe o Brasil. A primeira ponte, entre o Brasil e o Peru, nós vamos inaugurar em junho agora. Inaugurar uma ponte significa transitar gente, transitar carga, transitar aquela nossa loucura de exploradores. Significa o empresário brasileiro saber o que tem lá para ele fazer, os empresários peruanos saberem o que tem aqui, nós vamos ficar mais



próximos do Pacífico, eles ficarão mais próximos do Atlântico, ou seja, essa integração, nós estamos fazendo com a América do Sul, porque acreditamos que o Brasil, como maior economia do Continente, tem que ter responsabilidade em ajudar os países mais pobres, porque ajudando eles vão se desenvolver também, vão comprar nossos produtos, nós vamos comprar produtos deles e vai ficar uma relação menos dependente dos Estados Unidos e menos dependente da União Européia.

Nós precisamos criar novas fronteiras para que a gente possa colocar os nossos produtos e não ficar disputando apenas com os dois grandes blocos: Estados Unidos e União Européia. Nós precisamos abrir, por isso nós temos uma relação estratégica com a China, por isso nós temos uma relação estratégica com a Índia, por isso nós temos uma relação estratégica com a África do Sul, por isso nós temos uma relação estratégica com outros países, a Rússia por exemplo, que tinha pouquíssima coisa.

Senhores empresários, ministros e trabalhadores,

Eu me lembro que o Brasil estava tentando vender manga para o Japão havia 28 anos. Há 28 anos o Brasil tentava convencer os japoneses a comprarem manga do Brasil. E eles não compravam dizendo: “não, tem o bicho da mosca, não dá para comprar porque tem o tal do bicho da mosca”. Eles nem sabiam que já tinha a Embrapa, está aqui o presidente da Embrapa, que tinha ajudado a combater isso. Pois bem, o Koizumi veio ao Brasil, primeiro-ministro japonês, sentou na mesa para conversar e o primeiro assunto é manga. Fomos comer. “Quer sobremesa?” “Quero”. Manga. Conclusão: em janeiro, o Japão importou a primeira carga de mangas do Brasil.

Eu, agora em maio, estou indo para o Japão. O Japão não compra carne do Brasil. Eles mal sabem que este país, aqui, mata 36 milhões de cabeças de gado por ano. Eles mal sabem que, hoje, o Brasil tem criadores de gado que criam da forma mais moderna do que em qualquer país do mundo, sem o risco da “vaca louca”, porque a nossa ração é capim, a nossa ração pode dar uma



qualidade ao nosso gado. Pois bem, eu vou para o Japão agora. Eles não compram nossa carne. Já falei para o nosso embaixador: pode preparar uma churrasqueira, se não tiver, prepare, não custa nada fazer, vamos levar na nossa bagagem umas picanhas e umas costelas. E ao chegar vamos chamar o primeiro-ministro e falar: vamos comer a carne brasileira e vamos ver se a que você compra é melhor do que a nossa.

Porque o Presidente da Rússia veio conversar comigo, tinha um núcleo de febre aftosa no Amazonas, lá perto do Amapá. Ele falou: o Brasil tem febre aftosa. Eu falei: meu filho, você precisa conhecer o mapa do Brasil. Levei-o lá na minha sala, peguei o mapa do Brasil e falei: olha onde teve um foco de febre aftosa, ali não é região criadora de gado, ali deve ser um pequeno criador que deve ter 30 ou 40 cabeças; onde nós exportamos é aqui. A distância entre o centro criador de gado brasileiro exportador onde teve o foco é mais distante do que de Moscou à Alemanha, do que de Moscou à Inglaterra, do que de Moscou à França. Então, ele precisa conhecer isso para poder comprar. Já está comprando um pouquinho e vai comprar mais.

Aí dizem: “não, mas o Brasil só é exportador de soja, de cana, de milho, de minério de ferro.” Este ano nós provamos que não. Mais de 50% do nosso comércio exterior foi de produtos com valor agregado manufaturados.

E quando eu venho aqui, nesta empresa, e sei que vocês estão planejando se transformar no maior exportador de compressores do mundo, eu, como Presidente da República, como ex-metalúrgico, como cidadão brasileiro, saio daqui dizendo: vale a pena a gente acreditar no povo brasileiro, vale a pena a gente acreditar no Brasil e vale a pena a gente levantar todo santo dia de manhã gritando para nós mesmos: “nós somos brasileiros e não desistimos nunca”.

Meus parabéns, boa sorte e meus parabéns à Direção da empresa.